O Instituto do Ceará e a Universidade Federal do Ceará

Angela Gutiérrez*

A íntima relação do Instituto do Ceará com a Universidade Federal do Ceará, traduz-se na expressiva concessão de título de *Professor Emérito* a sócios do Instituto.

Professor Emérito, segundo a Universidade, é o título honorífico atribuído ao professor aposentado da instituição que se haja distinguido com ações relevantes e dedicação integral ao ensino, pesquisa ou extensão ao longo da sua carreira.

Neste ano, a distinção recaiu sobre a professora Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Sócia Efetiva do Instituto do Ceará e ex-Vice-Presidente da entidade e atual Presidente da Academia Cearense de Letras.

Eis a relação dos sócios que receberam o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará:

1. Manoel Antônio de Andrade Furtado – 1957
2. Dolor Uchôa Barreira – 1964
3. João Batista Saraiva Leão – 1966
4. Clodoaldo Pinto – 1968
5. Antônio Martins Filho – 1974
6. Francisco Alves de Andrade e Castro – 1981
7. José Borges Sales – 1982
8. Fran Martins – 1982
9. Abelardo Fernando Montenegro – 1982
10. José Caminha Alencar Araripe – 1991
11. Paulo Fernandes Bonavides – 1991
12. Mozart Soriano Aderaldo – 1994

---

* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

13. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes – 1997
14. José Murilo de Carvalho Martins – 2004
15. José Liberal de Castro – 2008
16. Melquíades Pinto Paiva – 2010
17. Fernando Luiz Ximenes Rocha – 2017
18. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez – 2019

Por sua relevância, publica-se o discurso de Angela Gutiérrez pronunciado ao receber o título de Professora Emérita da UFC, em Solenidade presidida pelo Reitor Henry Campos, em 9 de agosto de 2019, no Auditório da Reitoria.

"Quando a moça, que herdara os cabelos negros da mãe, seu nome de anjo e seu signo do Zodíaco, Aquário, chegou cedo ao portão da Faculdade para seu primeiro dia de aula, parecia vir só. Se alguém pudesse mirar o espelho de sua alma, perceberia que seus olhos passeavam pelas árvores do bosque, pela casa com ares de antiga, como outras que a circundavam, e pelos prédios recentemente construídos, tão iguais que viriam a tomar o nome das cores de suas fachadas, Bloco Azul, Bloco Amarelo..., mas, insisto, talvez se alguém olhasse mais profundamente dentro dos olhos que buscavam imprimir na retina cada grão de areia da paisagem que seria, pelos anos e décadas que se seguiriam, seu lugar de vida e memória, perceberia que não, a moça não viera só.

Uma multidão de heróis e heroínas a acompanhava. À frente, Odisseu, trazendo no corpo marcas de naufrágios e lutas, ao lado de Penélope, que tecera femininos ardis para defender-se dos que pretendiam substituir o audaz herói, em seu coração e no trono de Ítaca; O poeta Dante, recordando o itinerário que seguira com seu mestre Virgílio pelas plagas inóspitas da "città dolente", repetia baixinho o mais terrível verso da longa inscrição gravada à porta do Inferno: "Lasciate ogni esperanza, voi ch'entrate", e apressava-se em terminar a travessia do Purgatório e alcançar o Paraíso, onde o esperava a bela Beatrice; Artur, com a espada Excalibur à cintura, caminhava ao lado de Guinevere, sua rainha amada, e de seu cavaleiro mais perfeito, Lancelot, ainda sem suspeitas que nublassem o coração de rei; El Cid, ereto sobre a sela de seu cavalo, vinha só, depois de vencer, morto, mais uma batalha; Don Quijote lia, caminhando pelas páginas do livro de Cervantes, e recordava tantas lutas que empreendera, com Sancho, em defesa dos desamparados; Vinda de Coimbra,

a linda Inês deixara seu sossego, acompanhada do Príncipe Pedro que, quando rei, coroaria a amada como rainha, depois de morta. E aqui paro de descrever os participantes da reunião multitudinária de personagens e apenas me permito lembrar mais alguns, como os camilianos pares de amores de perdição e de salvação, Luísa, a sofrer por seu primo Basílio, a triste Emma Bovary... Chegando das brumas de Londres, os meninos David Copperfield e Oliver Twist e dois *gentlemen* que percorreram longo itinerário desde Baker Street; Do Condado de Dorincourt, o gentil pequeno lord Fauntleroy e seu avô; De Paris, do ventre da Cathédrale de Notre Dame, a cigana Esmeralda, e de tavernas e palácios, os Mosqueteiros do Rei; De terras de Portugal, "o menino da sua mãe" enxuga o rosto com o lenço que lhe dera a Criada velha e caminha sem imaginar as "Malhas que o Império tece"; De Verona, embora cantados em versos ingleses, chegavam em amor Romeu e Julieta, e da Dinamarca, Hamlet trazia no rosto a mais contundente dúvida que acossa cada humano sobre a Terra. Olhando para trás, tão longe prosseguia a aglomeração de seus acompanhantes, a moça já não conseguia enxergar até onde prosseguiam, pois a multidão de personagens estendia-se para além do portão, da Terra do Nunca, de terras ignotas, de navios a ponto de naufragar, de ilhas desconhecidas, entrava em estranho submarino, sob o comando do Capitão Nemo e ia além, muito além.

Gente de casa, os escritores brasileiros, que cederam passo aos protagonistas de fora, compareceram pessoalmente. Eram tantos, eram muitos, pois, todos os dias, a moça lia e trazia à vida, criadores e personagens de seu país. Machado e Alencar reatavam as boas conversas na Livraria Garnier e no Passeio Público do Rio de Janeiro; Escritores nordestinos, de várias gerações, encontravam-se, sem respeito a cronologias, e comentavam os horrores das secas; Domingos Olímpio, Rodolpho Teófilo, José Américo de Almeida, Graciliano, Rachel de Queiroz, sempre com saudades da fazenda "Não me deixes", bem de família; José Lins do Rego contava as tristezas de Carlinhos e Jorge Amado cantava sua Bahia de Todos os Santos, sem esquecer a gente sofrida das terras do cacau e os pequenos capitães da areia; Eduardo Campos, na roda com outros membros do Clã, Artur, Moreira Campos, Braga Montenegro... contava, com sua voz forte, cenas d'*O Morro do Ouro*; Mais adiante, enquanto Bandeira relembrava o Recife de seu tempo de criança, saudoso dos que "Estavam todos deitados /Dormindo/Profundamente", o poeta de alta voz, Castro Alves, recitava

com ardor o poema *Navio Negreiro*: "Existe um povo que a bandeira empresta/P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!"; Sempre muito contido, João Cabral, pouco entreabria os lábios, repetindo os versos de *Morte e vida Severina*. Todos se entendiam na sã balbúrdia poética, e pararam para escutar Gonçalves Dias que, cedendo a insistentes pedidos, recitava, discretamente, "I-Juca Pirama"; José Albano, meio afastado, dizia para si mesmo: "Poeta fui...". Entre as escritoras, muitíssimo menos numerosas, encontravam-se, além de Rachel, Maria José Dupré, autora de *Éramos seis*, Lígia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Cecília Meireles e Clarice Lispector. As duas últimas, tão belas quanto talentosas, pareciam mergulhadas nas profundezas de seus escritos; Cecília recordava seu poema "Retrato", desde o primeiro verso: "Eu não tinha este rosto de hoje", aos últimos: "- Em que espelho ficou perdida/ a minha face?" Clarice, como Laura de seu conto "A Imitação da Rosa", fazia "o possível para não se tornar luminosa e inalcançável"; Entre outros escritores do país, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo reuniam-se em torno de Ariano Suassuna para ouvi-lo contar, com seu encanto inexcedível, as proezas de João Grilo e Chicó, quando, em passos lentos, com o gato de estimação nos braços, eis que vem chegando, mineiramente, "Um chamado João", que "Projetava na gravatinha/a quinta face das coisas/inenarrável narrada?", como poetizaria, pouco tempo depois, seu amigo Drummond.

Naquele dia claro de sol, a moça já intuíra que uma frase de João Guimarães Rosa, pronunciada pela voz de Riobaldo, e que ela grifara ao ler *Grande sertão: veredas*, delinearia seu caminho nas Letras e seria sua divisa de mestra e (com licença, Gonzaguinha) "eterna aprendiz"? Eis as palavras de João: "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".

Às vezes digo que nasci em uma biblioteca, e não é uma inverdade. Ao vir à luz do mundo, fui recebida, como os cinco irmãos que me antecederam, pelas mãos de meu avô materno, o médico Dr. César Rossas. Em meus primeiros anos de vida, na mesma casa onde nasci, os livros se tornaram, para mim, tão familiares como as flores da trepadeira que enfeitavam o jardim de inverno, os quadros e retratos pendurados sobre discretos papéis de parede, os bibelôs de *biscuit*, as estatuetas, as árvores do quintal, uma delas, *bouquet* de noiva, enchia-se de flores que, ao caírem, formavam um tapete branco no chão de areia. À medida que o tempo passava, fui conhecendo que aquela casa comprida, com salas e corredores

de paredes altas, recobertas de livros, era a casa do meu bisavô, Thomaz Pompeu, que eu conhecia por seu grande retrato que habitava a sala de visitas. O pesquisador, o escritor, o professor, o advogado, o intelectual brilhante que conviviam em sua figura, conheci melhor mais tarde, por leituras, pesquisas e conversas de família, mas aquele que aprendi a amar e a respeitar pelas histórias que dele me contava minha mãe, netinha amada que mal completara doze anos quando o viu partir, era, simplesmente, o vovô da Mamãe.

Deixamos a casa do bisavô para acompanhar meus avós que foram morar no Sítio Angela, em Mondubim. Alí vivi dos cinco aos nove anos, lendo os livros que meu pai e guia na biblioteca da vida escolhia para sua caçula, ouvindo as estórias que minha mãe e meu avô contavam e, nas noites de lua mais brilhante, escutando a voz e o violão afinadíssimos de meu pai, trazendo canções antigas, do tempo de seu avô, de sua mãe, de sua meninice... Sentada sob a sombra de mangueiras centenárias, não me era difícil transportar-me ao Sítio do Picapau Amarelo e mesmo a Paris, ao sertão, a Londres ou até à lua.

De leitora apaixonada, tornei-me estudante de Letras na Universidade Federal do Ceará. Minha vida na Universidade percorreu múltiplos caminhos que se entrecruzaram. Não sei se minha divisa rosiana – "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende" – guiou-me realmente nessas travessias, ou se, hoje, ao recordar caminhos percorridos, buscando olhar provisoriamente o passado como um tempo encerrado, encontro uma lógica interna nesse itinerário que, no correr das horas, dos dias, dos anos, das décadas em que muito andei, nem sempre consegui perceber.

De minha primeira aula como professora-horista ou bolsista, aos dias de hoje, quando, embora já não esteja na categoria de ativa, continuo atendendo, com alegria, aos chamados da minha Universidade, acredito que, nesse percurso, muito mais aprendi do que ensinei, sempre me senti partícipe do sonho de nosso reitor-fundador de criar uma universidade aberta para o mundo e atenta à cultura, às expectativas e necessidades de nossa região, o mesmo sonho que todos nós que amamos a Universidade, sonhamos juntos, borgianamente, mantendo a UFC viva, sempre em construção.

Aprendi quando, na graduação em Letras, apesar do ambiente de trevas instaurado no país, marcado por limites que se queriam intranspo-

níveis [Lembro que em 1997, em meu discurso de posse como membro da Academia Cearense de Letras, já comentava a decepção sofrida pelos alunos dos chamados anos de chumbo, que, ao entrarem na Universidade, com "o idealismo que alimentava grande parte da juventude estudantil dessa época e de esperanças no Brasil grande e justo, assistira(m) ao desmoronar da idade da inocência. Havia-se instalado, também na república das Letras, o Limite, a cerca, [...] entre o permitido e o censurado intelectualmente. O país vivia a experiência traumática que, em samba alegórico, *Vai passar*, Chico Buarque chamaria de "página infeliz de nossa história"], mesmo assim, alguns professores conseguiram transportar-nos ao livre mundo do imaginário, marcando minha geração no contato com a literatura: os saudosos Professores Artur Eduardo Benevides, em Literatura Brasileira, Moreira Campos, em Literatura Portuguesa, e Pedro Paulo Montenegro, em Teoria da Literatura. O primeiro, poeta consagrado, ensinou-nos, sobretudo, a amar a poesia, para além dos dados da história literária brasileira. Atento à cultura do nosso Ceará, criou, em boa hora, a disciplina Literatura Cearense. [a que o colega Professor Sânzio de Azevedo, posteriormente, daria projeção nacional com suas pesquisas na área]. O segundo, Moreira Campos, grande contista, transmitia, com a graça de sua palavra, o amor pela ficção e pela poesia portuguesas, trazendo-nos as vozes antigas que povoaram *Os Lusíadas*, ou as dos personagens de seu amado Eça de Queirós. O terceiro, Prof. Pedro Paulo, há pouco falecido, deixando-nos grande saudade, iniciou, no Ceará, os estudos sistematizados de Teoria da Literatura. A disciplina foi o primeiro passo para a organização de meu pensamento crítico-literário.

Aprendi quando, ainda aluna, comecei a ensinar na Casa de Cultura Italiana, cumpri estágio de ensino na Cultura Francesa, e colaborei com as áreas de Literatura Brasileira e de Língua e Literatura Italiana, organizando aulas e seminários sob supervisão dos Professores Artur Eduardo Benevides e Hesíodo Facó, respectivamente, e pude constatar que minha vocação era, realmente, o magistério. Encontrando minha missão na vida e minha divisa, continuo a apreciar em meu ofício, como há tantos anos atrás, a simultaneidade de ensino e aprendizagem, que acontece na interação com alunos e alunas, e nos permite incentivá-los à visão crítica da literatura e do mundo, à discussão sobre questões literárias, à apreciação da literatura em suas relações com outras Artes, com a História, com a vida.

Aprendi muito, no começo de minha carreira como professora, em época de regime de exceção, quando raramente surgiam concursos para

docentes das universidades federais, ao assumir atividades docentes sem vínculo de emprego, recebendo apenas oito meses por ano, sem direito a férias remuneradas, nem licença-gestante, mas não deixando que nada disso afetasse a seriedade de meu trabalho e meu amor pelo ofício. Aprendi, porém, que, se eu tive apoio de meu marido para suportar essa situação injusta, que não dependia da UFC, por cinco anos, muitas pessoas, em todo o país, não poderiam nem poderão viver dignamente nessas condições.

Aprendi, quando realizei todos os cursos de especialização que a Universidade ofereceu à época, na área de Letras, alguns em período de férias, e, posteriormente, quando me candidatei e fui selecionada para o Mestrado em Educação, nesse momento estando grávida de minha única menina, aprendi que apesar dos sacrifícios, todos esses cursos me deram oportunidade de aprofundar conhecimentos e descobrir novos ângulos da Literatura e do Ensino-Aprendizagem. Com a pesquisa e a preparação para a dissertação de Mestrado, "O Caráter Reprodutor do Ensino de Literatura Brasileira no Cursos de Letras", orientada pela excelente professora Maria Lúcia Dallago, aprendi, em época em que era preciso falar baixinho para fazer qualquer referência ao grande educador Paulo Freire, que a censura intelectual e o pensamento único nos empobrecem enquanto as discussões sobre diferentes correntes de pensamento e de opinião enriquecem os indivíduos e a sociedade.

Aprendi, quando, escolhida pelos colegas de Literatura para coordenar o Projeto de Implantação do Mestrado em Letras, soube aproveitar meus estudos na área de Educação e de Literatura, para colocá-los a serviço do Projeto, e a enfrentar grandes dificuldades, pois naqueles tempos obscuros, a UFC não criava cursos de pós-graduação *stricto sensu* há mais de dez anos, e nem mais existia um manual de orientação do seu *modus faciendi*. Aprendi, sim aprendemos todos a vencer desafios que pareciam intransponíveis, apesar da boa vontade de todas as autoridades universitárias. Neste ano, quando se cumpriram 30 anos da fundação do Mestrado em Letras, na mesma data de 8 de março de sua festiva inauguração, fui convidada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras, Prof. Orlando Araújo, para, em conferência inaugural do ano trigésimo do Programa, dar meu depoimento-conferência sobre a pré-história e a história dos anos iniciais do Curso, em que pude contar as vicissitudes daquele momento.

Aprendi quando, no mesmo ano de 1989, de fundação do Mestrado, atendendo a, digamos, conselho da CAPES para que a coordenadora

obtivesse grau de Doutora, submeti-me a Seleção para Doutorado em Letras, com área de concentração em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido aprovada, mas, atendendo a solicitação do então Reitor Hélio Leite, continuei concomitantemente, na coordenação do Mestrado até julho de 1990, deslocando-me, durante um ano, em idas e voltas no percurso Belo Horizonte-Fortaleza-Belo Horizonte. A partir de 1990, completei o Curso de Doutorado, já desligada da coordenação, e defendi a tese "Vargas Llosa e o romance possível da América Latina", orientada pelo destacado intelectual mineiro, Prof. Dr. Wander Melo Miranda, e, de retorno à UFC, poucos dias depois, tive a surpresa de ser reeleita Coordenadora da Pós-Graduação.

Aprendi quando fui convidada pelo então recentemente empossado Reitor René Barreira, para ser Diretora-Fundadora do Instituto de Cultura e Arte da UFC- ICA, e enfrentei outro grande desafio, o de instalar o Instituto como instância de reflexão sobre cultura e arte e como órgão de coordenação e articulação das áreas cultural e artística da Universidade. Mas com o reitor e amigo René, aprendi, sobretudo, suas belas e inesquecíveis lições de democracia, narradas por seus atos como gestor. Nem todos os sonhos do ICA foram realizados, porque eram muitos (!), mas houve grande sucesso, sobretudo, na recuperação e funcionamento do Museu de Arte da UFC -MAUC e da Casa de José de Alencar, no apoio aos outros equipamentos e cursos de arte da UFC, na criação de bolsas para estudantes que dinamizaram os órgãos e equipamento da UFC. Contei com colaboração de funcionários, alunos e professores, entre os docentes, cito Inês Cardoso, Meize Lucas e Vania Vasconcelos.

Aprendi quando, convidada pelo Reitor Ícaro de Sousa Moreira para continuar à frente do ICA, então transformado em Unidade de Ensino de Graduação, confessei-lhe que gostaria de continuar o trabalho de valorização da Casa de José de Alencar, iniciado, desde a instalação do ICA, e logo depois, fui nomeada e assumi, com apoio dos funcionários e da Professora Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, a Diretoria da Casa de José de Alencar. O amigo Ícaro, que construíra, com entusiasmo, tantos projetos para a Universidade, não pôde, infelizmente, vê-los realizados, tão cedo partiu.

Aprendi muito sobre a receptividade do público leitor, quando *O mundo de Flora*, meu romance de estreia, foi indicado para o vestibular da UFC e pude participar de encontros, em colégios e escolas, com alunos que leram o livro e o comentavam com arroubo juvenil.

Aprendi quando candidatei-me à Bolsa PDS-CNPq, tendo recebido a única bolsa dessa categoria concedida no país no ano de 2009, na área de Letras, o que me levou a cumprir estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais, por nove meses, com supervisão do Professor Titular Dr. Wander Melo Miranda, após aprovação do projeto intitulado "O retrato do Conselheiro: as múltiplas faces do beato de Belo Monte", sendo, aliás, a ficção sobre Canudos um de meus temas de pesquisa preferidos.

Aprendo, todos os dias quando, como presidente, e juntamente com a diretoria, participo da atuação da Academia Cearense de Letras, preparando sua programação cultural para nossa gestão, em que a Literatura e o Autor Cearense constituem seu ponto fulcral, o que envolve diferentes atividades para a comunidade, assim como ações de conservação de nossos acervos e de nossa sede, o Palácio da Luz, patrimônio arquitetônico e histórico do Ceará; aprendo continuamente, como sócia efetiva, com as importantes ações culturais do Instituto do Ceará, presidido pelo intelectual Lúcio Alcântara; aprendo, ainda, com a participação do esforço liderado pelo bibliófilo José Augusto Bezerra para manter atuante nossa Associação Brasileira de Bibliófilos, que, além de propagar o amor aos livros, busca conservar e divulgar a memória brasileira contida em livros e documentos raros; do mesmo modo, muito aprendo com nossa Sociedade Amigas do Livro - SAL, presidida pela escritora Celma Prata, entidade que traduz sua amizade aos livros, não só incentivando a leitura, como na criação de bibliotecas onde elas inexistem; aprendo, ainda, como membro do Conselho Editorial da UFC, presidido pelo Prof. Cláudio Guimarães, quando bem cuidamos em respaldar os livros que poderão, com qualidade, difundir cultura, ciência, cidadania, a partir de importantes obras e estudos gerados, sobretudo, na própria Universidade. Começo a aprender, com minha recente posse como membro do Conselho Consultivo do Colégio de Estudos Avançados da UFC, presidido pelo Prof. César Barreira, com as discussões sobre tantas questões referentes, em grande parte, ao futuro do conhecimento, da cultura, da *Universitas*.

Nesse momento tão turbulento e angustiante que nosso país atravessa, que nos ameaça com a volta ao obscurantismo, não nos podemos perder na desesperança, ao contrário, a Universidade é o *locus* por excelência da percepção crítica do passado para a construção lúcida e corajosa do futuro.

Nesse momento em que finalizo minha fala, ao lado de palavras de esperança no futuro que todos os brasileiros devemos construir, é de

justiça que eu agradeça a todos, os que já se foram para moradas eternas e os que estão entre nós, que colaboraram com a construção de meu futuro, agora passado e presente, e que, infelizmente, não posso nomear como gostaria, pois há um necessário limite de tempo nas falas desta solenidade, que temo já haver ultrapassado. Agradeço, assim, à Professora Dra. Odalice de Castro Silva, Professora Titular de Literatura que, gentil e generosamente, deu início a meu processo de Emerência. A professora vem cumprindo bela trajetória em nossa Universidade, merecendo o respeito da instituição e do alunado, por seu saber, especialmente na área de Crítica Literária, e por sua dedicação ao ensino, especialmente à orientação de alunos de todos os níveis universitários, em grupos de pesquisa. Atualmente, é pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, onde também cumpriu estágio pós-doutoral. Além de agradecer-lhe pelo passo inicial do processo, sou-lhe grata, especialmente, pelo discurso em que, por sua voz, fui introduzida na galeria absolutamente admirável de Professores Eméritos na área de Literatura, composta por meus mestres Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides e Pedro Paulo Montenegro, que hoje brilham em outra dimensão, e o caro colega, pesquisador e poeta José Linhares Filho.

Agradeço ainda o apoio concedido ao processo de Emerência pelo Departamento de Literatura, então chefiado pelo Prof. Claudicélio Rodrigues, pelo Conselho do Centro de Humanidades, presidido pela Diretora do Centro, Profa Danyelle Nilin Gonçalves, e pelo Conselho Universitário, presidido pelo Reitor Henry Campos. Esse percurso trouxe-me aqui para receber o título tão honroso de Professora Emérita, que guardarei como uma aliança, símbolo de meu amor por esta Casa e da confirmação de que esse amor é correspondido.

Agradeço ao anfitrião desta solenidade, o Magnífico Reitor, Henry de Holanda Campos, pela amizade e consideração com que me honra, e por ter encontrado tempo em sua agenda, mais que nunca ocupada, para este evento, pois além de formaturas e outros eventos de praxe, somam-se agora compromissos de fim de mandato, uma vez que, dentro de alguns dias, encerrará sua extraordinária gestão à frente da Universidade Federal do Ceará. Pode estar certo, Prof. Henry, que nossa comunidade universitária sentirá saudades do reitor que aliou à luta pelos objetivos e projetos da instituição, sua sensibilidade à Cultura, à Literatura, às Artes, e que soube manter, em situações adversas, a dignidade de nossa Universidade.

Agradeço a presença amável de todos que vieram assistir a esta solenidade de profunda ressonância para mim. Peço-lhes desculpas porque, por ter perdido o texto do discurso já escrito, no misterioso mundo de meu computador, tive que, em poucas horas reescrevê-lo, mas não tive tempo de revisá-lo e deixá-lo mais breve, como manda o bom-senso e, com toda razão, o modelo para uma cerimônia com três discursos. Minhas desculpas, especialmente, e meus agradecimentos à eficiente e gentil Chefe do Cerimonial, a amiga Cláudia Albuquerque, extensivos à sua equipe.

Para finalizar, agradeço o amor e o apoio de meu marido, Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén, amado, amante, amigo, meu primeiro e único namorado, a quem amo mais que a mim mesma.

A meus filhos e filha, noras e genro, Oswaldo Filho e Priscila, Daniel e Sunny, Angela Laís e Davi, agradeço pelo carinho e cuidado com o casal sênior da família e pelos oito preciosos netos que alegram nossa família, por ordem de nascimento: Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa.

Só me falta dizer que pessoas importantíssimas em minha vida não estão aqui fisicamente, são os habitantes da minha saudade, além de tios e avós queridos, muito especialmente, meu pai, Luciano Cavalcante Mota, e minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, os dois unidos são a casa do meu ser.

Obrigada".